

A DISCIPLINA DE CULTURA RELIGIOSA COMO ESPAÇO INTEGRALIZADOR DA EDUCAÇÃO, NA UNIVERSIDADE*

THE DISCIPLINE OF RELIGIOUS CULTURE AS A SPACE THAT INTEGRATES EDUCATION, AT UNIVERSITY

*José Romaldo Klering***

Resumo

A Universidade cumpre melhor sua função, quando questiona o que está dado e o aparentemente óbvio em determinado momento histórico-cultural, e quando ousa avançar, debatendo alternativas, construindo pontes entre as várias áreas de conhecimento, em vistas à descoberta de caminhos mais oportunos e apropriados para a construção de uma humanidade mais plena, em harmonia e equilíbrio com o mundo em que está inserida. A disciplina de Cultura Religiosa¹ constitui espaço acadêmico privilegiado para a (re)descoberta do ser humano e do mundo, numa perspectiva transcendente, múltipla e polifacetada, ajudando na superação de reducionismos que tentam restringir o homem a si mesmo, suas idiossincrasias e interesses imediatos e circunstanciados.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Cultura Religiosa. Universidade.

Abstract

The university fulfills its function best when it questions what's given and the seemingly obvious at a given historical-cultural moment and dares to

* Tema objeto de estudo para a tese de doutoramento em Educação. Texto publicado em CD, como Comunicação no 2º Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião – ANPTECRE, realizado em Belo Horizonte, de 24 a 27 de agosto de 2009.1.

** Doutor em Educação pela PUCRS. Coordenador do Departamento de Cultura Religiosa – Fateo. Prof. de Humanismo e Cultura Religiosa. <jose.klering@puers.br>

¹ Ou outra relacionada. Não há, ainda, no Brasil, um estatuto único para a designação dessa Disciplina.

advance when debating alternatives, building bridges between different fields of knowledge, in order to discover more timely and appropriate ways for building a humanity more fully in balance and harmony with the world in which it operates. The discipline of Religious Culture is a privileged academic space for the (re)discovery of human beings and the world in a transcendent, diverse and multifaceted perspective, helping to overcome reductionisms that try to restrict the man to himself, his idiosyncrasies and immediate and circumstantial interests.

KEYWORDS: *Education. Religious Culture. University.*

Introdução

Trabalhar a inteireza do ser humano é um desafio creditado à universidade, desde a origem. A nossa época, sensível às rupturas geradas pelas progressivas especializações, percebe a necessidade de resgatá-la. A Universidade, inserida num contexto cultural e educacional também fragmentado que, paradoxalmente, ajudou a criar, é instada pelos fatos, pela consciência crítica, por circunstâncias que questionam sua razão de ser e desafiam a fazer revisões, a voltar-se para a globalidade das dimensões humanas e a investir na unidade, focando uma educação integral.²

A expressão educação integral já foi malvista, especialmente no Brasil, associada a integrismos políticos, sendo, então, evitada e mencionada sob outros termos como, por exemplo, educação do homem todo ou concepção do homem como uma unitotalidade. Aqui a entendemos como afirmação do ser humano inteiro, multidimensional, na globalidade de suas dimensões, subjetividade e relação, uma síntese complexa, ao mesmo tempo material e espiritual, comprometido com a transformação pessoal e social para o bem, a verdade e a justiça.

² BOFF, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível*. Vol. 1, Hospitalidade: direito e dever de todos. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 1: “De modo geral constatamos que a nossa história, o Ocidente, já a partir dos gregos até os dias atuais, teve sempre particular dificuldade em abordar o tema do outro. Trata-se de uma cultura fortemente centrada em sua própria identidade, a ponto de quase não sobrar lugar para o diferente dela”.

1 A disciplina de Cultura Religiosa na educação integral

No contexto da educação integral, a disciplina de Cultura Religiosa³ se reveste de grande importância, por sua origem interdisciplinar, por se desenvolver no âmbito da cultura e da religião e se concretizar no espaço acadêmico da educação. Ela tem uma possibilidade transdisciplinar latente ainda pouco explorada, mas que a vocaciona para ser sempre mais um espaço integralizador da educação. A disciplina de Cultura Religiosa é a oportunidade formal pela qual o ideário institucional, fundamentado nessa missão, chega a todos os alunos. Nas Instituições de Ensino Superior não confessionais, normalmente, não existe uma disciplina correspondente, deixando uma sequela na formação dos seus alunos.

A construção do humano é o propósito e o desafio que tipifica o homem enquanto espécie e como indivíduo. Constitui, ao mesmo tempo, um dom, enquanto traz em si, como elementos intrínsecos, as potencialidades e possibilidades para esse desenvolvimento. É tarefa, à medida que requer trabalho constante, perseverante e qualificado e é, também, opção, uma vez que, nas diferentes épocas pelas quais a humanidade passa, são oferecidos modelos de humanização e que se apresentam como alternativas de caminho e de construção de si mesmo e dos grupos dos quais faz parte ou aos quais pode, de alguma maneira, influenciar. Provinda da natureza racional e social do ser humano, a cultura deve desenvolver-se na liberdade e na autonomia, garantindo os direitos da pessoa e a valorização da comunidade, tomando como critério básico de avaliação os limites do bem comum, evoluindo para o conceito e as práticas de solidariedade para com todos os seres vivos, mormente os animais.⁴

A disciplina de Cultura Religiosa tem suas raízes lançadas na visão cristã de cultura. Nela, o ser humano integral deve ser contemplado em

³ Não há, ainda, um estatuto único para a designação da Disciplina que, por isso, em última instância, depende de cada Instituição.

⁴ DREWERMANN, Eugen. *Religião para quê?* Buscando sentido numa época de ganância e sede de poder. Em diálogo com Jürgen Hoeren/Eugen Drewermann. Trad. Walter Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 14: “[...] na filosofia de Descartes, no início do século XVII, tomamos a liberdade histórico-filosófica de descrever o animal como um autômato dotado de reflexo e destituído de alma, com o qual naturalmente se pode experimentar e fazer o que quiser”.

todos os níveis e dimensões. Um ser humano é, eminentemente, relação consigo, com os outros, com a natureza e com Deus.⁵

Este ser humano, situado no tempo e no espaço, tem, então, como tarefa precípua, fazer da vida um processo permanente de construção da humanização em si e nos outros, alertando-se, ao mesmo tempo, para tudo aquilo que possa afastá-lo dessa meta e levá-lo a desumanizar-se.

A relação próxima entre religião e cultura, uma constante na história, já há algum tempo, de realidade vivida, vem se tornando também objeto de reflexão. Aparece, por exemplo, em Documentos do Concílio Vaticano II (UR 14; AG 10; 22), na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (63), no Documento de Puebla (385-443) e, de forma eloquente e frequente, nos pronunciamentos do Papa João Paulo II.⁶

2 A experiência de Deus se atualiza na cultura

Na perspectiva cristã, o ponto de partida está na experiência de Deus que se dá na cultura a qual, fecundada pela Aliança, gera uma nova cultura. A pedagogia de Deus, constituída por um processo *quenótico*, o

⁵ DOCUMENTO de Puebla – *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Texto Oficial da CNBB. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1980, n. 387: “Com a palavra “cultura” indica-se a maneira particular como em determinado povo cultivam os homens sua relação com a natureza, suas relações entre si próprios e com Deus (GS 53b), de modo que possam chegar a “um nível verdadeira e plenamente humano” (GS 53a). É “o estilo de vida comum” (GS 53c) que caracteriza os diversos povos; por isso é que se fala de “pluralidade de culturas” (GS 53c). A cultura assim entendida abrange a totalidade da vida de um povo: o conjunto dos valores que o animam e dos desvalores que o enfraquecem e que, ao serem partilhados em comum por seus membros, os reúnem na base de uma mesma “consciência coletiva” (EM 18). A cultura abrange, outrossim, as formas através das quais estes valores ou desvalores se exprimem e configuram, isto é, os costumes, a língua, as instituições e estruturas de convivência social, quando não são impedidas ou reprimidas pela intervenção de outras culturas dominantes”.

⁶ MIRANDA, Mário de França. La Iglesia entre la inculturación y la globalización. Revista *TEOLOGÍA* – Revista de la Facultad de Teología de la Pontificia Universidad Católica Argentina, Tomo XLIV, n. 92, Abril 2007, p. 10: “La estrecha relación entre fe y cultura que marcó al cristianismo desde sus inicios dejó de ser en los últimos años apenas una realidad vivida para volverse también un tema de reflexión. Ya podemos percibirlo en textos del Concilio Vaticano II (UR 14; AG 10; 22), en la Exhortación Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (63) y en el Documento de Puebla (385-443). Con todo, sin ninguna duda, el pontificado de Juan Pablo II fue decisivo para este cambio. En sus frecuentes viajes por el mundo siempre insistía en el respeto y en el aprecio que debería tener la Iglesia por las culturas locales. Sus pronunciamentos eran claros e incisivos, sobre todo en la primera mitad de su pontificado”.

faz aproximar-se do homem, desinstalá-lo e pô-lo a caminho com uma nova meta a perseguir. A Bíblia mostra-o retratando a mensagem da Revelação, esta revestida da roupagem cultural, própria de cada época. Expressa, portanto, na linguagem dos homens, o modelo do encontro entre a Palavra de Deus e a cultura.

De outra parte, a fé iniciada em Abraão é também uma ruptura cultural que se radicalizará na cruz de Cristo, configurando-se como escândalo para uns, loucura para outros e Boa-Nova para os que estão abertos a um horizonte radicalmente novo, para além daquilo que o contexto cultural é capaz de lhes oferecer, sentindo-se atraídos e chamados a serem artífices de um mundo novo, de uma nova cultura, sequer vislumbrável nos modelos culturais vigentes.⁷ Essa novidade requer uma vigilância hermenêutica permanente para a novidade não ser confundida com o que as circunstâncias e as vicissitudes de uma determinada época são capazes de captar e de pôr em prática.

Para o Cristianismo, em particular, como uma de suas distinções, Deus não só age na história e interage com o homem, mas se torna hóspede da cultura em Jesus de Nazaré, transformando-a, ao mesmo tempo, partindo de dentro. Jesus se insere na humanidade e de dentro dela revela o mistério de Deus, constituindo-se a encarnação equilíbrio entre o relativismo do “tudo vale” e o absolutismo excludente. Da assunção radical do humano, situado no tempo e no espaço, brota e desabrocha o divino.

A disciplina de Cultura Religiosa traz, nos seus conteúdos, componentes e expressões de todo esse processo cultural, por sua vez tributário das experiências religiosas e do seu desenvolvimento.

O grande objetivo das Religiões e que constitui, ao mesmo tempo, talvez, o seu primeiro desafio, é o de ajudar seus membros a fazerem

⁷ CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA. *Para uma pastoral da cultura*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 11: “A ruptura cultural pela qual se inaugura a vocação de Abraão, Pai dos crentes, traduz aquilo que ocorre no mais profundo do coração do homem quando Deus irrompe na sua existência, para se revelar e propor-lhe o empenho de todo o seu ser. Abraão é espiritualmente e culturalmente desenraizado para ser, na fé, plantado por Deus na Terra Prometida. Esta ruptura sublinha a fundamental diferença de natureza entre a fé e a cultura. Ao contrário dos ídolos que são o produto de uma cultura, o Deus de Abraão é o Totalmente Outro. É pela Revelação que Ele entra na vida de Abraão. O tempo cíclico das religiões antigas teve o seu fim: com Abraão e o povo judeu começa um novo tempo que se torna a história dos homens em marcha para Deus. Não é mais um povo que fabrica para si um deus, é Deus que dá origem ao seu Povo, tornando-o Povo de Deus”.

em sua vida e contexto a mesma experiência do Transcendente de seus fundadores e se encontrarem com a centralidade do Mistério revelado.⁸

A religião, nas palavras de Rubem Alves, constitui-se em “teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza” (ALVES, 1999, p. 24).⁹ Ela é parte integrante da cultura, exercendo nela profunda influência e, enquanto fenômeno cultural, busca, dentre outras coisas, dar respostas a problemas que inquietam e instigam o ser humano; ou, quiçá, é a tendência religiosa do ser humano, estruturada na religião, que impulsiona o homem na sua busca de sentido para si, para os outros e para a natureza, entendida em sentido amplo, englobando todo o universo.¹⁰ Como o diz Santo Agostinho nas *Confissões*: “Fizestes-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Vós”.¹¹ Esta afirmação com que Agostinho inicia as *Confissões* traduz de modo eloquente a necessidade irresistível que impulsiona o ser humano a procurar o rosto de Deus.

A Transcendência, intuída e experimentada como fundamento último da existência, como princípio e fim do sentido a conferir à vida, perseguido

⁸ MARITAIN, Jacques, *op. cit.*, p. 16-17: “Parce que ce développement humain n’est pas seulement matériel, mais aussi et principalement moral, il va de soi que par conséquent l’élément religieux y joue un rôle principal. A vrai dire la religion qui requiert de soi, *in abstracto*, le concept de culture ou de civilisation, c’est seulement la religion naturelle. Mais de fait les civilisations humaines ont reçu une charge meilleure, et plus lourde. Nous savons ‘qu’un *état de nature pure*, où Dieu eût abandonné les hommes aux seules ressources de leurs activités intellectuelles et volontaires, n’a jamais existé. Dès la première heure, Dieu a voulu faire connaître aux hommes des choses dépassant les exigences de toute nature créée ou créable. Il leur a révélé les profondeurs de sa vie divine, le secret de son éternité. Et pour les acheminer vers ces hauteurs, pour les préparer dès ici-bas à la vision de ces magnificences, il a fait descendre sur le monde, comme une nappe, la grâce capable de diviniser notre connaissance et notre amour. Ces avances divines, Dieu les fait à tout les hommes en tous les temps; car Il est la lumière ‘qui éclaire tout homme’, ‘il veut ‘tous les hommes soient sauvés et ‘viennent à la connaissance de la vérité. Elles sont acceptées ou repoussées”.

⁹ ALVES, Rubem. *O que é Religião?* São Paulo: Loyola, 1999, p. 24.

¹⁰ PERESSON, Mario L. *Pedagogias e culturas*. In SCARLATELLI, Cleide C. da Silva; STRECK, Danilo R.; FOLLMANN, José Ivo (Orgs.). *Religião, cultura e educação*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2006, p. 96: “Os povos são universal, profunda e efusivamente religiosos. A religiosidade é conatural à sua vida, tanto para contemplar e interpretar o mundo e a vida cotidiana e seu sentido último, como para expressar e compartilhar esta experiência. O elemento religioso faz parte de sua cosmovisão e cotidianidade”.

¹¹ Santo Agostinho, *CONFISÕES* 1, 1.

na perseverança teimosa do cotidiano, assim como na singularidade dos fatos marcantes, que predisõem a avaliar a caminhada feita e as decisões tomadas, se configura numa transgressão frente às rotinas e miopias derivadas da fixação na imanência.¹² Arremessa para além do entorno e do imediato, fazendo nascer e desenvolver as criações espirituais e intelectuais. O Transcendente semelha uma transgressão, à medida que liberta o homem dos limites que o prendem ao universo do sensível.

A religiosidade, na sua pluralidade de epifanias, expressa essa experiência do Transcendente. A religião, como reflexão sistemática dessa vivência, a elabora e estrutura de maneira a mostrar, de forma objetiva e racional, os argumentos que a embasam e as consequências de ordem ética e moral, ou seja, vivenciais daí decorrentes. Essa percepção e sua expressão se exteriorizam na diferença e na singularidade de cada pessoa. É uma caminhada pessoal e íntima, não obstante historicamente contextualizada.

Para Ferrer e Álvarez, a religião é a expressão do “reconhecimento de uma realidade absoluta, da qual a pessoa religiosa se sabe existencialmente dependente, seja por submissão, seja por identificação total ou parcial com ela”.¹³

Parmênides de Eleia (530 a.C.-460 a.C.), fundador da Escola Eleática, figura através do Poema intitulado *Sobre a natureza*, como um exemplo da apresentação da centralidade do momento religioso para o aparecimento da filosofia, ao lado da busca do absoluto, no pensamento ocidental. Poder-se-ia dizê-lo, nas palavras de Libanio: “A religião responde à religiosidade, a religiosidade pede e provoca religiões”.¹⁴

O problema da relação entre religião e ciências surge, no Ocidente, quando se vai estabelecendo um processo de separação entre aquilo que é identificado como religioso e o identificado como intelectual.

¹² BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *A pertinência do discurso público da Igreja*. In: BRUSTOLIN, Leomar Antônio (Org.). *Estudos de doutrina social da Igreja*. Porto Alegre: EST Edições, 2007, p. 13: “Somente em Deus a sociedade encontra os valores transcendentais de sua própria natureza. Isso permite vigor, beleza, relevância, e potencializa energias para um mundo que reconhece a alteridade, o respeito, a justiça e a caridade. Somente assim se extirpa o niilismo que esvazia o sentido da vida, e enfatiza-se a lógica da gratuidade que acolhe o dom de viver conforme a vontade do Autor da Vida”.

¹³ FERRER, Jorge; ÁLVAREZ, Juan Carlos. *Para fundamentar a Bioética*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 56.

¹⁴ LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002 (Theologica, 8), p. 101.

Em todas as culturas, se faz presente um momento reflexivo em relação ao que se faz e em que, como e por que se crê, o que exige permanente interpretação e reinterpretação.¹⁵

Níveis diferentes de reflexão e formas diferentes da nossa não podem, evidentemente, ser confundidos com ausência de reflexão e, tampouco, nos induzir à arrogância de impor a nossa como única válida. As perguntas fundamentais pelo sentido da vida, dos outros, do mundo, da morte e do depois da morte se fazem presentes e encontram respostas satisfatórias e organizadas dentro de cada universo conceitual e ao qual, quem vive nessa cultura, tem acesso. É algo que acontece em cada cultura, também na nossa ocidental.

3 Modernidade e religião como pressupostos que podem dialogar

Com o advento da Modernidade, no Ocidente, da afirmação da razão e conseqüente redução da ciência ao verificável e comprovável empiricamente, tudo o que não for enquadrável nessa categoria passa a ser passível de suspeita. A religião, com seus pressupostos e suas práticas, partindo da intuição e da experiência, é questionada e, não poucas vezes, reduzida, ou à sobrevivência de estágios evolutivos da humanidade já superados, ou à ideologia justificadora de interesses espúrios, ou a manifestações de problemas da infância, mal-resolvidos.¹⁶

¹⁵ CASSIRER, Ernst. Ensaio sobre o Homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 301: “Uma coisa física permanece em seu estado presente de existência graças à sua inércia física. Conserva a mesma natureza enquanto não for alterada ou destruída por forças externas. Mas as obras humanas são vulneráveis de um ponto de vista bem diferente. Estão sujeitas à mudança e à decadência não só em um sentido material, mas também no mental. Mesmo que sua existência continue, elas estão em constante perigo de perder seu sentido. Sua realidade é simbólica, não física; e tal realidade nunca deixa de exigir interpretação e reinterpretação”.

¹⁶ SACRISTÁN, Gimeno, J. *Educar e conviver na sociedade global* – As exigências da cidadania. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 2002, p. 100: “Se há algo evidente hoje em nossa cultura, é a defasagem entre o desenvolvimento material e o espiritual, entre o científico e o moral, entre o nível de compreensão dos problemas e a adesão deseja que desencadeia os comportamentos coerentes para resolvê-los entre os valores de diversos tipos que assumimos. A sociedade e o ser humano acham-se cindidos quanto à capacidade de compreender o mundo que podem alcançar e a possibilidade de se comportar ‘adequadamente’ nele, não só para poder desenvolver-se nas melhores condições, como, inclusive, para salvaguardar seus próprios interesses em geral. As diferentes linhas de progresso estão e evoluem um tanto deslocadas entre si”.

Oportuno é lembrar que, na relação entre fé e ciência, nos tempos modernos, os conflitos não nascem, via de regra, da ciência em oposição à religião ou da rejeição da ciência, por parte desta, e, sim, de pressupostos ideológico-filosóficos, incorporados ou defendidos por determinados cientistas. Quando se reduz o homem à razão, destituindo-o, por consequência, das demais dimensões, estabelece-se uma oposição de menos valia da fé para com a razão, posição que encontra inspiração no idealismo racionalista de Descartes, preconizando uma autonomia total desta.¹⁷

Quando se trata da religião como, ademais, das ciências em geral, não há um critério epistemológico que possa dar conta de toda a complexidade do objeto em análise. Ainda convivemos, tanto no nível da semântica individual, introjetada ao longo da formação, quanto na sociedade, grande dificuldade em escapar das lógicas redutoras instaladas nas instituições, na organização dos saberes e na vida cotidiana. Por vezes, não é fácil aceitar que estudar mais amplia as questões e aprofunda as interrogações ao invés de solucioná-las e responder de maneira cabal aos questionamentos levantados.¹⁸

¹⁷ NAJMANOVICH, Denise. *O feitiço do método*. Tradução: Maria Teresa Esteban. In: LEITE, Regina Garcia (Org.). *Método; Métodos; Contramétodo*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 37: “A razão não nasceu com a ciência moderna; o que apareceu com ela foi a fábula da razão pura, que apresentou uma razão desligada do corpo, do afeto, da fé, do desejo, da história, dos outros, das narrações e das práticas vitais. O recurso do método foi fundamental para instaurar essa crença em uma razão abstrata e desencarnada, a-histórica e afabulada. Podemos situar Galileu como um pensador na fronteira entre duas tradições racionais, suas polêmicas com a Igreja nos permitiram ver ‘in status nascendi’ o modelo de afabulação, e poderemos observar como a noção de ‘método’ atuou tal qual um fórceps para realizar o parto da ‘razão pura’”.

¹⁸ ALVES, Rubem. *O suspiro dos oprimidos*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2003, p. 100: “A persistência do fato religioso, contrária a todas as precisões teóricas, implica uma crítica radical à metafísica inconsciente que rege o pensamento científico. Porque enquanto a ciência, com sua dedicação confessada ao ideal de objetivismo, e à consequente identificação de normalidade psíquica com ajustamento, pressupõe, *a priori*, que o real é a verdade, a religião, das profundezas da sabedoria inconsciente da própria vida, conclui que o absurdo não são os valores utópicos, mas a própria situação humana donde eles emergem. Assim parece-me que a religião, mesmo nas suas formas mais ‘alienadas’, contém uma crítica do real que a ciência, prisioneira de sua própria metafísica, não tem condições para transcender. Até agora a ciência tem realizado uma tarefa muito salutar de desmitologizar a religião. Não haverá a possibilidade inversa de que a religião abra caminhos para a desmitologização da ciência?”

Cultura e religião são elementos densos e tensos que perdem muito do seu conteúdo simbólico, da dinâmica do caminho construído numa relação dialógica entre indivíduo e coletividade e, sobretudo, das motivações profundas, interiores ao ser humano e anteriores, em boa parte, à própria atitude reflexiva e à elaboração conceitual, quando abordadas sob o enfoque da redução lógica. A epistemologia positivista simplificou e estabeleceu critério único para compreender o fenômeno e assim esvaziou-o.¹⁹

As universidades medievais surgem sob o influxo de uma fé dinâmica que encara como sua tarefa a busca de compreensão e a promoção da investigação científica. Uma fé que não se fecha sobre si mesma e que assume a procura da verdade como seu desafio e que pode ser resumida na frase de Santo Agostinho, no século IV: “Entende para que creias, crê para que entendas”,²⁰ no rumo das convicções presentes no início da Era Cristã, quando já, na sua Primeira Carta, São Pedro afirma que o crente deve saber dar as razões de sua esperança.²¹ Nesse intuito foram criadas as primeiras escolas do Cristianismo – Alexandria e Antioquia –, objetivando a articulação da sabedoria judaico-cristã com o *logos* grego.

É esta fé que permite o surgimento e o estabelecimento da universidade, na qual é visto o espaço próprio de uma razão que se define pela verdade e também o espaço de uma fé que nasce de um encontro com a verdade e se exercita nessa busca.

Uma fé que não se satisfaz em propor alguns conteúdos como sua verdade, uma verdade parcial, mas que se caracteriza como busca de uma verdade universal, constituída em expressão de fidelidade ao Mestre o qual, no Evangelho, se oferece aos seres humanos como a Verdade e que como tal deve ser reconhecido na fé. Esta, por sua

¹⁹ NAJMANOVICH, Denise, *op. cit.*, p. 37: “Por outro lado e à diferença do discurso cientificista clássico, que supõe nos religiosos uma adesão cega a um dogma estabelecido de forma completa desde o começo, a maior parte dos estudos históricos sérios nos mostra como, em praticamente todas as religiões, tem-se desenvolvido uma agitada vida intelectual, plena de polêmicas, disputas teológicas, litígios e interpretações encontradas. As Igrejas não são instituições monolíticas, e a fé tem-se conjugado sempre com a razão”.

²⁰ ANTO AGOSTINHO. *Sermão 43*: “Intellige ut credas, crede ut intelligas”.

²¹ *IPd* 3, 15: “[...] antes, santificai a Cristo, o Senhor, em vossos corações, estando sempre prontos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede”.

vez, diz respeito à existência toda e se atualiza nas múltiplas faces do cotidiano.²²

A universalidade do humano é preocupação da universidade que, aliás, por causa disso, recebe tal título: um espaço onde as diferenças possam afluir e sejam bem-vindas, onde as perguntas sobre o ser encontrem eco. É nessas perguntas que o homem revela sua finitude, deixando-o em uma atitude de abertura, de acolhida diante do novo. A universidade constitui espaço de geração do conhecimento pelo estudo, reflexão e debate, onde a pluralidade de origens, conhecimentos, experiências, projetos, utopias, confluem, dando expressão à complexidade das situações de vida, gerando novas descobertas e construindo novas sínteses. Nos primeiros centros universitários, os estudantes, que vinham indistintamente de vários lugares, eram conhecidos como “massa dos que querem aprender”. Traziam consigo, e eram valorizadas, as mais diferentes contribuições culturais.²³

Uma mentalidade tecnicista, voltada para o imediato, e a promessa de uma vaga no mercado levam, na atualidade, a encarar facilmente a formação universitária como um treinamento para uma determinada profissão. Tal visão não tem preocupação com o universitário como uma

²² BRUSTOLIN, Leomar Antônio (org.), *op. cit.*, p. 13: “A fé cristã não prega a separação do mundo e nem a plena identificação com as realidades terrestres. Permanece uma tensão entre o anúncio das alegrias de tudo o que existe por obra de Deus, e conforme seu plano, e as miopias do tempo que destroem a possibilidade de viver consoante o desejo do Criador. Essa fé não pode ser entendida de modo unilateral e espiritualista. Tal compreensão reduz o enfoque integral da salvação que Cristo revelou. O Cristianismo não há de preocupar-se somente com as pessoas individualmente, dando-lhes sentido para a existência, mas também, e necessariamente, há de ocupar-se com as relações sociais que determinam e legitimam a vida do indivíduo como ser criado para a comunhão e não para a solidão”.

²³ TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges. Emergência da *Intere* e da *transdisciplinaridade* na Universidade. In: AUDY, Jorge Luís Nicolas; MOROSINI Marília Costa (orgs.). *Inovação e interdisciplinaridade na Universidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 60: “Vale a pena recordar, porém, que a universidade nasce da união de professores e de estudantes e não de disciplinas. A *universitas* não se define pelas ‘matérias estudadas’, mas pelo conjunto de mestres e alunos corporativizados dentro das escolas. A universidade atual fortemente voltada para as necessidades da sociedade, sucumbe às exigências do mercado e aos seus interesses passageiros. Nessa situação, a fragmentação excessiva da ciência é uma das causas da desagregação da universidade. Esse mesmo ciclo inflacionário faz com que as disciplinas clássicas, aquelas que estão na base dos conhecimentos teóricos, sejam muitas vezes postas em segundo plano, cedendo lugar aos conhecimentos fugazes”.

pessoa que, inclusive, vai ser um profissional.²⁴ Vivemos imersos em um turbilhão de informações, mas não sabemos ao certo o que fazer com elas.²⁵ Já há alguns séculos, o sábio inglês, o cônego Dr. Copleston, do *Ariel College*, em Oxford, assim se expressou: “Ainda que a ciência seja favorecida por essas concentrações de inteligência a seu serviço, os homens que se encerram nas especializações têm a inteligência em regresso”.²⁶ Trata-se, nas palavras cáusticas do filósofo Ortega y Gasset, do novo bárbaro.²⁷

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Dr. Robert Hutchins, da Universidade de Yale, manifestou essa mesma preocupação.²⁸

Há um conflito nem sempre simples de equacionar entre as exigências do momento e o fundamento da formação universitária.²⁹ Neste

²⁴ MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita – Repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 104: “Hoje somos vítima [de um tipo] de pensamento fechado: o pensamento fracionário da tecnocracia burocratizada, do que corta, como fatias de salame, o complexo tecido do real”.

²⁵ CARVAJAL, L. González. *Ideas y creencias del hombre actual*. Santander: Sal Terrae, 1992, p. 170: “O indivíduo pós-moderno, submetido a uma avalanche de informações e estímulos difíceis de estruturar, faz da necessidade virtude e opta por um vaguear incerto de umas ideias a outras. Parece com um ouvinte noturno que dá voltas ao dial do rádio experimentando uma emissora depois da outra”.

²⁶ NEWMAN, Cardinal John Henry. *The idea of a University*. New Impression. London, New York, Bombay and Calcutta: Longmans, Green, and CO, 1907, p. 72.

²⁷ ORTEGA Y GASSET, José. *Misión de la Universidad*. Obras Completas. 3. ed. Madrid: Rev. de Occidente, 1969-1971, p. 1289: “Esse personagem médio é o novo bárbaro, atardado relativamente à sua época, arcaico e primitivo em face da tremenda atualidade dos problemas. Este novo bárbaro é, na verdade, o profissional mais sábio que nunca, mas o mais inculto também é o engenheiro, o médico, o advogado, o homem de ciência dos nossos dias”.

²⁸ HUTCHINS, Robert Maynard. *The University of Utopia*. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1964, p. 95-96: “[...] hoje o jovem americano compreende a tradição intelectual de que faz parte e em que, só por acidente, deve viver: pois seus fragmentos esparsos se alastram de uma extremidade da escola a outra. Nossos universitários têm muito mais conhecimento e muito menos compreensão do que os do período colonial”.

²⁹ NICOLESCU, Basarab *et al.* *Educação e transdisciplinaridade*. Tradução de Judite Vero, Maria F. de Mello e Américo Sommerman – Brasília: UNESCO (Edições UNESCO), 2000, p. 14: “A harmonia entre as mentalidades e os saberes pressupõe que estes saberes sejam inteligíveis, compreensíveis. Todavia, ainda seria possível existir uma compreensão na era do big-bang disciplinar e da especialização exagerada? Este processo de babelização não pode continuar sem colocar em perigo nossa própria existência, pois faz com que qualquer líder se torne, queira ou não, cada vez mais incompetente. Um dos maiores desafios de nossa época, como, por exemplo, os desafios de ordem ética, exigem competências cada vez maiores. Mas a soma dos melhores especialistas em suas especialidades não consegue gerar senão uma incompetência generalizada, pois a soma das competências não é a competência: no

sentido, Zilles ressalva que ser especialista, não obstante necessário, não é o suficiente:

Ser especialista é uma qualidade necessária e indispensável, mas certamente não é suficiente. A especialização aproxima os homens de um campo de saber para além das fronteiras de países e culturas. Mas existe o perigo de ser especialista em disciplinas que não atingem o homem enquanto homem. Nesse caso a especialização pode levar a uma fragmentação monstruosa em detrimento das qualidades humanas fundamentais. Cabe à educação buscar o equilíbrio entre a especialização (o ser douto) e a formação geral ou humanista. Pessoa erudita é aquela que alarga seu interesse de conhecimento para além de uma área específica, para a área da cultura humana, para a filosofia, a teologia, a literatura e a arte.³⁰

O ser humano, ajudado no seu desenvolvimento integral, sem descuidar de nenhuma de suas dimensões, é o que cabe à sociedade em relação a seus membros e à universidade em particular. Valorização do aprimoramento técnico-científico e também humano, educando para valores universais como justiça, solidariedade, paz, com abertura ao diferente e fraterno, capaz de dialogar e construir unidade na diversidade, apto a trabalhar para o bem-estar e a inclusão, num projeto de vida com qualidade para todos. Portanto, a superação de uma concepção de ensino e aprendizagem fracionada, compartimentada em disciplinas estanques e focada em alguma área ou objetivo específico, circunstanciado. Enfatiza a integração de dimensões diferentes, mas complementares que contemplem os conteúdos das áreas específicas, a reflexão sobre esses conhecimentos e o saber conviver, intervir, desenvolvendo a capacidade para transformar a própria vida e influenciar afirmativamente os que estão à sua volta a também se desenvolverem e se tornarem, por sua vez, agentes de transformação.

Cultura é cultivo, aprimoramento, que inclui a apreciação estética, a apreciação da arte, desenvolvimento da curiosidade artística e a

plano técnico, a interseção entre os diferentes campos do saber é um conjunto vazio. Ora, o que vem a ser um líder, individual ou coletivo, senão aquele que é capaz de levar em conta todos os dados do problema que examina?"

³⁰ ZILLES, Urbano. Perfil do intelectual cristão. *Atualização* – Revista de divulgação teológica para o cristão de hoje, ano XXXV, n. 312, , p. 21, jan./fev. 2005.

sensibilidade para o belo, além da capacidade para a criatividade e a inovação, como um estilo de vida e um modo de ser no mundo.

4 A disciplina de Cultura Religiosa como possibilidade para o plural e o diverso

A disciplina de Cultura Religiosa é um dos (poucos) espaços, na universidade, onde as tensões entre fé e cultura e entre ciência e religião podem se expressar, bem como ensaios de diálogo podendo ser estabelecidos.

Como é no espaço da universalidade dos saberes que a universidade estabelece seus campos epistêmicos, é aí que a disciplina de Cultura Religiosa se situa e desenvolve a discussão com as demais áreas de conhecimento, a partir do objeto que lhe é próprio, ou seja, o fenômeno religioso e sua expressão, na multiplicidade de formas e pluralidade de origens e manifestações, a partir das experiências do sagrado e da universal busca do ser humano por sentido, em múltiplos aspectos, especialmente para a vida e para a morte, percebido sempre para mais além de todas as explicações e promessas de concretização vislumbradas no horizonte do imanente. A escola não pode furtar-se à abordagem das questões religiosas.³¹

A disciplina de Cultura Religiosa não se confunde com Catequese. Esta visa transmitir a fé e iniciar na sua vivência. Caracteriza-se, assim,

³¹ TOURAINE, Alain. *Um novo paradigma* – Para compreender o mundo de hoje. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 206-207: “O conhecimento do fato religioso é indispensável. Primeiramente porque a história das religiões nos ajuda a compreender nossa história e o presente. Mas surge então a pergunta: deve a escola ensinar que há um além do social e do político, que assumiu, no decorrer dos séculos e nos diversos continentes, fisionomias particulares – aqui Deus, num outro momento o universo, ou ainda a natureza, alhures ainda a razão ou a revolução, ou mesmo o Homem e o direito natural, de origem religiosa, mas donde saíram as declarações dos direitos do homem, do século XVIII ao século XX – ou deve ela dar a conhecer os fatos religiosos sem interpretá-los? [...] grande parte dos atuais caminhos de modernização associam componentes religiosos como formas muitas vezes antigas de organização social e de vida cultural. É assim que são arrastados para a modernidade, muitas vezes de forma ativa, indivíduos e grupos nos quais se misturam, se unem ou se contradizem condutas religiosas com outras que não o são. Seria, portanto, arbitrário, e certamente falso, declarar incompatíveis a modernidade à qual se refere a escola e determinada herança cultural que não se considerasse a si mesma como antimoderna. A busca da continuidade é tão frequente como a da ruptura”.

como uma dupla iniciação: para as verdades de fé de uma determinada religião, com uma adesão consciente e formal a elas e para uma iniciação prática, em que a pessoa passa a vivenciar individual e comunitariamente os ritos e práticas dessa religião. Aquela trata do fenômeno religioso nas suas mais variadas manifestações, ao longo do tempo e nos diferentes povos, e do estudo de determinadas religiões e temas relacionados, como área de conhecimento. Não entra no mérito das crenças pessoais, confiadas à liberdade de consciência de cada um.

Certamente as causas para dificuldades de diálogo, ainda presentes, são muitas e variadas.³²

A par dessas considerações, faz-se mister acrescentar a problemática, que há tempos envolve a discussão em torno da educação formal e do seu papel na sociedade; a necessidade de organizar os conhecimentos já produzidos pela humanidade e passá-los às novas gerações, o que

³² BRAKEMEIER, Gottfried. *Ciência ou religião: quem vai conduzir a história?* São Leopoldo: SINODAL, 2006, p. 14-15: “Se, de fato, a cultura cristã está nas raízes da ciência moderna, causa estranheza a guinada ateia que essa deu nos séculos XVIII e XIX. Quais são as razões? Se enxergamos bem, devem ser indicadas três vertentes, nenhuma decisiva por si só, mas eficazes em sua interação:

a) Por um lado, deve-se culpabilizar a obstinação das Igrejas, majoritariamente indispostas a reverem seu discurso dogmático e aceitarem um diálogo sério sobre a matéria. Perderam a chance de participar da vanguarda histórica e assim evitar o divórcio entre o saber e o crer de tão nefastos prejuízos para ambos.

b) É do que se aproveitou o ateísmo, alimentado por fortes tendências anticlericais. Apoderou-se avidamente desse fantástico potencial. Transformou a racionalidade científica em aliada e em arma contra a suposta superstição religiosa. O antagonismo entre fé e ciência partiu de filósofos bem mais do que dos próprios cientistas. Como adversária da existência de Deus articulava-se, antes de mais nada, a razão. Ilustra-o o exemplo de Immanuel Kant (1724-1804), expoente destacado do Iluminismo. Muito embora o renomado filósofo de modo algum quisesse abolir a ‘fé bíblica’, considerada importante na educação ética do povo rumo à maioridade, a negação de Deus pela ‘razão pura’ e sua redução a mero postulado da razão prática acabou forjando uma imagem desse pensador que se aproxima à de um iconoclasta religioso. A realidade de Deus sumiria completamente no materialismo da Revolução Francesa (1789-1794), ao entronizar a razão como suprema divindade.

c) A terceira vertente consiste na índole da própria ciência. Ela vê-se impedida de trabalhar com a ‘hipótese Deus’. Se o fizesse, iria aniquilar-se a si mesma. Está obrigada a adotar um ateísmo metodológico que abstrai de Deus, de pressupostos metafísicos, de intervenções milagrosas ou de fenômenos ‘sobrenaturais’. Ela quer ‘descobrir’, explicar, conhecer. Deus não se presta a ser premissa científica. Ao mesmo tempo, a ciência percebe que Deus se subtrai às suas investigações. Em parte alguma, nem no macro tampouco no microcosmo, aparecem inofismáveis vestígios da realidade chamada Deus. Ciência favorece o agnosticismo religioso. Permanece a pergunta: Se a ciência não dá acesso a Deus, como então nasce a fé?”

requer, naturalmente, um planejamento a médio e longo prazo, com o estabelecimento de metas, estratégias e avaliações periódicas, com coragem para efetuar os respectivos ajustes.³³ Uma das dificuldades passa a ser, então, a definição dos critérios para a escolha dos conteúdos e a definição das maneiras de trabalhá-los. O mesmo se aplica aos valores educativos e sociais a serem desenvolvidos no processo escolar, em todos os níveis.

A escola, incluindo, naturalmente, a universidade, é um espaço importante onde se gesta e experiencia a afirmação do sujeito, colocando a racionalidade do saber, o bem comum como critério, o interesse público, as normas sociais dominantes, o patriotismo a seu serviço e não como instrumentos para dominar e submeter. Deve, por isso mesmo, levar em conta as características dos alunos e as do meio de onde eles vêm.

Sugestiva é, certamente, a frequência cada vez maior com que o ambiente religioso se torna espaço para conversar e discutir diferentes propostas de crenças e práticas emergentes na sociedade atual ou resgatadas do passado pré-iluminista. Antigas expressões de fé religiosa, relegadas ao silêncio pelo império da racionalidade como critério único, podem ser trazidas à tona para serem discutidas na informalidade, com abertura para elaborações sistemáticas, desde que se criem espaços acadêmicos para isso. A dimensão religiosa é constituinte do ser humano, e a religião, segundo a visão cristã, exerce função matricial na cultura. Faz parte da caminhada humana. Na pluralidade de sistematizações da experiência do transcendente e na busca de sentido, para além do imanente, manifesta a universalidade do fenômeno religioso.

Da mesma forma, merece abordagem a pluralidade de terapias alternativas, de cunho religioso ou não, bem como especulações envolvendo a tendência religiosa do ser humano e suas expressões, no nível da física quântica e da neurociência, assim como modelos de convivência e de estabelecimento das relações em sociedade e da relação com a natureza, encontradas em culturas diferentes da nossa.

A disciplina de Cultura Religiosa é ocasião privilegiada, onde a experiência e o conhecimento religiosos, muitas vezes também fragmentários ou mesmo rudimentares, podem expor-se ao esclarecimento e ao debate.

³³ COLOM, Antoni. *A (Des) Construção do conhecimento pedagógico: Novas perspectivas para a Educação*. Tradução: Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: ARTMED, 2004, p. 100: “Não se pode enfrentar sistemas complexos com ferramentas intelectuais e heurísticas de outros tempos, a partir da mentalidade evolutivo-linear, em que as coisas produzem, mais ou menos, os mesmos efeitos”.

As experiências fundantes das religiões, explicitadas nos mitos de origem e nas tradições, por exemplo, consubstanciam uma visão de ser humano como um todo. Na fidelidade a essa estrutura de fundo, a disciplina de Cultura Religiosa deve, pois, procurar sempre dar vazão a esse ponto de partida que lhe é inerente e organizar a sua proposta de tal modo que a prática cotidiana com os estudantes a exteriorize e a transforme num resgate do ser humano como um todo.

Já não há, hoje em dia, maiores dificuldades em admitir as mazelas advindas de uma visão fragmentária do ser humano. Valoriza-se, de forma crescente, o encontro do ser humano consigo mesmo e fala-se muito em espiritualidade. Na Academia, contudo, quando já se admite falar dessas coisas, prevalece a visão que reduz espiritualidade, ou mesmo Deus, ou manifestações do sagrado, a dimensões do imanente, especificamente como potencialidades humanas a serem descobertas e aprimoradas. A Cultura Religiosa traz à discussão o transcendente, o totalmente-outro, presente na imanência, mas jamais reduzido ou reduzível a ela; não só presente, mas sempre novo, interpelador da realidade polifacetada e multirreferenciada que se apresenta ao homem e em que este é instado pela vida a intervir e dar sua contribuição.

A criação de um clima de diálogo, de partilha de experiências, de informações e conhecimentos, não como concessão, mas como procedimento metodológico básico, torna-se condição para o desenvolvimento das aulas.

Dessa maneira, a disciplina de Cultura Religiosa ajuda a fazer uma leitura de mundo, trazendo elementos novos, próprios da sua área, para ajudar na reflexão e na sistematização que o estudante deve processar no embate das aprendizagens proporcionadas pelas contribuições das diferentes áreas de conhecimento.

Ancorada, em primeiro lugar, na Teologia e nas Ciências da Religião, mas valendo-se também das contribuições das ciências humanas, em geral, a disciplina de Cultura Religiosa é, por natureza, interdisciplinar, pela sua origem epistêmica e, por isso, deveria sê-lo também na prática cotidiana, enquanto disciplina academicamente desenvolvida.³⁴

³⁴ DEMO, Pedro. *Dialética da felicidade* – insolúvel busca de solução. V. 2. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 66: “O ambiente mais favorável à aprendizagem é o *interdisciplinar*, ao mesmo tempo teórico e prático, socialmente motivador, pluralista e crítico, implicando qualidade formal e política; não existe aprendizagem apenas teórica ou apenas prática, já que o confronto adequado com a realidade supõe dar conta dela como um todo; ao mesmo tempo, é próprio do conhecimento moderno não distinguir concretamente teoria e prática, já que seu signo fundamental é intervir para mudar”.

A disciplina de Cultura Religiosa, pela sua índole e pelo objeto que lhe é próprio, transforma-se, assim, em espaço acadêmico integralizador no processo de humanização do ser humano. Devolve ao homem, como já sublinhado acima, a sua inteireza e o confronta com a integralidade da realidade, da qual faz parte e que, ao mesmo tempo, o transcende, remetendo-o à experiência do sagrado.³⁵

Situada, como campo epistêmico, na confluência de várias áreas de conhecimento, a disciplina de Cultura Religiosa exige, pelas suas particularidades, uma abordagem multi, pluri, inter e transdisciplinar. Pode, dessa maneira, contribuir significativamente para desencadear um processo de reflexão, sob essa perspectiva, em outras áreas, mais voltadas sobre um enfoque monodisciplinar, a também descobrirem a validade e a possibilidade desse diálogo, ao mesmo tempo que, pela prática, torna-se um espaço onde se ensaia, efetivamente, uma posição de abertura, diálogo e tolerância para com o diferente e o aparentemente contraditório, substituindo a exclusão pela inclusão,³⁶ isto é, tornar-se laboratório de “um outro mundo possível”. É a experiência multifacetada do transcendente convocando para uma nova relação com a imanência, numa permanente releitura das opções feitas, tendo em vista a ultrapassagem constante dos limites e a superação de todas as formas de exclusão. Trata-se, no dizer de Nicolescu, da atitude transreligiosa:

[...] A experiência do sagrado é a origem da atitude transreligiosa. A transdisciplinaridade não é religiosa nem não religiosa, ela é transreligiosa. É a atitude transreligiosa que emerge da transdisciplinaridade vivida que nos permite aprender a conhecer e apreciar as especificidades das tradições religiosas e não religiosas que nos são estranhas, para melhor perceber as estruturas

³⁵ NICOLESCU, Basarab. *A prática da transdisciplinaridade*. In: NICOLESCU, Basarab, *op. cit.*, p. 148: “O sagrado permite o encontro entre o movimento descendente da informação e da consciência através dos níveis da realidade e dos níveis de percepção. Este encontro é fundamental para nossa liberdade e a nossa responsabilidade. Neste sentido, o sagrado aparece como a origem última de nossos valores. Ele é o espaço de unidade entre o tempo e o não tempo, o causal e o acausal”.

³⁶ MOIGNE, Jean-Louis Le. *Complexidade e sistema*. In: MORIN, Edgar. *A religião dos saberes. O desafio do século XXI*. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2001, p. 542: “Não basta dizer que os paradigmas epistemológicos aos quais referimos nossos sistemas de ensino têm todos eles defeitos e vícios. É preciso ser capaz de propor lealmente, sem impor, outros paradigmas epistemológicos e alguns procedimentos que legitimem os conhecimentos que transmitimos – quer se trate de informática, de enfermagem, de física, de biologia, de economia etc.”

comuns nas quais elas estão fundamentadas e, assim, chegar a uma visão transreligiosa do mundo. A atitude transreligiosa não está em contradição com nenhuma tradição religiosa do mundo ou com nenhuma corrente agnóstica ou ateia, na medida em que essas tradições reconhecem a presença do sagrado. Com efeito, essa presença do sagrado é nossa transpresença no mundo. Se amplamente espalhada, a atitude transreligiosa tornaria impossível qualquer guerra religiosa.³⁷

A disciplina de Cultura Religiosa constitui, assim, espaço acadêmico privilegiado para a (re)descoberta, num enfoque ecumênico e inter-religioso, numa abordagem inter e transdisciplinar, do ser humano e do mundo, numa perspectiva transcendente, ajudando na superação dos reducionismos imanentistas que tentaram restringir o homem a si mesmo, suas idiosincrasias e interesses imediatos e circunstanciados.

A disciplina de Cultura Religiosa abrange a complexidade do homem e de suas relações e expressa uma reflexão sistemática sobre elas, à luz da transcendência, experimentada de várias e diferentes maneiras, na imanência, num processo não linear de autodescoberta, em vista à sua humanização, que se dá na relação consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com Deus. Ela é também o espaço onde o ideário institucional chega de maneira formal e sistemática a todos os alunos.

Conclusão

Tendo sua origem epistêmica na confluência de quatro tipos de conhecimento – o religioso, o teológico, o científico e o filosófico – e tendo na cultura e na religião duas dimensões fundamentais e, por realizar-se em nível universitário, essa disciplina constitui um espaço integralizador da educação. Pela abrangência de dimensões que está na sua origem e que lhe é intrínseca, é o espaço onde os conhecimentos advindos das diferentes disciplinas têm um espaço facilitador para se encontrarem e serem pensadas juntas como dimensões de uma mesma realidade, ampla, descoberta e estudada no horizonte de cada área de conhecimento e das disciplinas específicas, tornando-se, assim, um espaço de integralização da educação.

³⁷ NICOLESCU, Basarab *et al.* *Educação e transdisciplinaridade*. Tradução de Judite Vero, Maria F. de Mello e Américo Sommerman – Brasília: UNESCO (Edições UNESCO), 2000, p. 148.

Uma dificuldade percebida consiste em encontrar uma porta de entrada significativa, com condições de levar a um discernimento conceitual, objetivo, possibilitando uma construção sistemática do conhecimento, tomando-se como ponto de partida as experiências e conhecimentos prévios dos alunos, onde gravitam impressões, preconceitos, informações vagas, desconhecimento de causa, o senso comum da opinião e do subjetivismo, ao lado também da vivência pessoal profunda e engajada em comunidades de fé, em diferentes religiões, noções de espiritualidade, de fatalismo religioso, dentre outros. Empenhar-se pela educação integral implica despertar da ataraxia racionalista, que reduz o ser humano à razão empírico-instrumental, e resgatá-lo na sua inteireza e complexidade, onde experiências, sentimentos, educação para valores, como a solidariedade e a partilha, o respeito às diferenças e as emoções são parte da construção do humano.

Para fazer jus à singularidade que lhe é inerente, a disciplina de Cultura Religiosa necessita de determinados requisitos que permitam seja desenvolvida na plenitude, tornando possível um estudo sério e aprofundado do fenômeno religioso, com suas variáveis e com incrementos oriundos das pesquisas e conclusões dos diferentes tipos de conhecimento, arrolados, acima, num embate qualificado com a trajetória dos estudantes, com espaço para a troca de experiências, um diálogo fecundo com a realidade, leituras e debates.

Referências

- ALVES, Rubem. *O que é Religião?* São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. *O suspiro dos oprimidos*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- BOFF, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível*. v. 1. Hospitalidade: direito e dever de todos. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Ciência ou Religião: quem vai conduzir a história?* São Leopoldo: SINODAL, 2006.
- BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *A pertinência do discurso público da Igreja*, In: BRUSTOLIN, Leomar Antônio (org.). *Estudos de Doutrina Social da Igreja*. Porto Alegre: EST Edições, 2007.
- CARVAJAL, L. González. *Ideas y creencias del hombre actual*. Santander: Sal Terrae, 1992.
- CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana*. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

- COLOM, Antoni. *A (des)construção do conhecimento pedagógico: novas perspectivas para a educação*. Tradução: Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA. *Para uma pastoral da cultura*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- DEMO, Pedro. *Dialética da felicidade – insolúvel busca de solução*. Petrópolis: Vozes, 2001. v. 2.
- DOCUMENTO de Puebla – *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Texto Oficial da CNBB. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.
- DREWERMANN, Eugen. Religião para quê? Buscando sentido numa época de ganância e sede de poder. In: *Diálogo com Jürgen Hoeren/Eugen Drewermann*. Trad. Walter Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- FERRER, Jorge; ÁLVAREZ, Juan Carlos. *Para fundamentar a bioética*. São Paulo: Loyola, 2005.
- HUTCHINS, Robert Maynard. *The university of utopia*. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1964.
- LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002. Theologica, 8.
- LÜCK, Heloísa. *Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MARITAIN, Jacques. *Religion et Culture*. Rio de Janeiro: Atlântica, 1945.
- MIRANDA, Mário de França. La Iglesia entre la inculturación y la globalización. *Teología – Revista de la Facultad de Teología de la Pontificia Universidad Católica Argentina*, tomo XLIV, n. 92, abr. 2007.
- MOIGNE, Jean-Louis Le. Complexidade e sistema. In: MORIN, Edgar. *A religião dos saberes. O desafio do século XXI*. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita – repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- NAJMANOVICH, Denise. O feitiço do método. Tradução: Maria Teresa Esteban. In: LEITE, Regina Garcia (org.). *Método; métodos; contramétodo*. São Paulo: Cortez, 2003.
- NEWMAN, Cardinal John Henry. *The idea of a University. New impression*. London, New York, Bombay and Calcutta: Longmans, Green & CO, 1907. p. 72.
- NICOLESCU, Basarab et al. *Educação e transdisciplinaridade*. Tradução de Judite Vero, Maria F. de Mello e Américo Sommerman. Brasília: UNESCO, 2000.

ORTEGA Y GASSET, José. *Misión de la Universidad. Obras completas*. 3. ed. Madrid: Rev. de Occidente, 1969-1971. 11v.

PERESSON, Mario L. *Pedagogias e culturas*. In: SCARLATELLI, Cleide C. da Silva; STRECK, Danilo R.; FOLLMANN, José Ivo (Orgs.). *Religião, cultura e educação*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2006.

SACRISTÁN, Gimeno, J. *Educar e conviver na sociedade global – As exigências da cidadania*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*.

_____. *Sermão 43*.

TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges. *Emergência da inter e da transdisciplinaridade na Universidade*. In: AUDY, Jorge Luís Nicolas; MOROSINI, Marília Costa (Orgs.). *Inovação e interdisciplinaridade na Universidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

TOURAINE, Alain. *Um novo paradigma – Para compreender o mundo de hoje*. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2006.

ZILLES, Urbano. *Perfil do intelectual cristão. Atualização – Revista de divulgação teológica para o cristão de hoje*, ano XXXV, n. 312, jan./fev., 2005.

Recebido em: 05/01/2011.

Avaliado em: 18/01/2011.